

**A Representação Feminina em *Ensaio sobre a Cegueira*: uma análise comparativa das obras
fílmica e literária**

Leonardo Rodrigues Teixeira¹

Resumo:

Este artigo pretende fazer uma abordagem do universo feminino na obra literária **Ensaio sobre a Cegueira** (1995) de José Saramago, e na obra fílmica de título homônimo, adaptada para o Cinema pelo cineasta brasileiro Fernando Meirelles. Nessa perspectiva, far-se-á uma análise comparativa das duas obras, literária e fílmica, a partir da ênfase para as duas personagens femininas de maior destaque nas obras: a **mulher do médico** e a **rapariga dos óculos escuros**. Além disso, esta análise contemplará o universo da Literatura Comparada, a partir da análise Literatura x Cinema, ou vice-versa. Todavia, pretende-se também, enfatizar a importância da mulher para a construção de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: José Saramago. **Ensaio sobre a Cegueira**. Mulher. Sociedade.

1 Introdução

José Saramago, romancista, contista, dramaturgo e poeta português, nasceu em Alzinhaga, Província Portuguesa, no ano de 1922. É autor de romances contemporâneos mais relevantes, como o **“Evangelho segundo Jesus Cristo”**, **“O ano da morte de Ricardo Reis”** e **“Ensaio Sobre a Cegueira”**. Assim em 1980, com o romance **“Levantando do chão”**, ganhou renome internacional. E, em 1998, Saramago ganha o prêmio Nobel de Literatura.

A escrita de José Saramago possui peculiaridades que podem ser vistas como obstáculos ao leitor não habituado ao seu estilo, que traz características da pós-modernidade. Em seu texto, não há marcadores de diálogo, sendo estes inseridos em meio ao texto corrido, apenas separados por vírgula e marcados por letras maiúsculas. Além da diferença na forma, o autor não produz identidade de seus personagens, nem o local onde se passam suas narrativas, provocando, assim, uma sensação de atemporalidade e abrindo possibilidade dos acontecimentos descritos ocorrerem a qualquer parcela da humanidade.

A obra literária, **Ensaio sobre a Cegueira** (1995), de José Saramago, se constitui de uma narrativa voltada para questões que levantam reflexões acerca da condição humana e da problemática da vida social na contemporaneidade. Partindo do caos em que se encontram as relações sociais, o autor tece, nessa obra, a problemática de alguns elementos sociais decorrentes do capitalismo, que ao longo do processo histórico, levaram o homem ao individualismo, ao consumismo e a perda da identidade.

Em sua versão cinematográfica, **Ensaio sobre a Cegueira** é apresentado pelo brasileiro Fernando Meirelles, renomado diretor do Cinema Internacional e responsável por grandes sucessos nas “telonas” como *O Jardineiro Fiel* (2006) e *Cidade de Deus* (2002). Meirelles traça uma leitura dos signos presentes na obra literária, reavivando significativamente os valores sociais encontrados na obra literária, bem como em sua adaptação, que serão o foco dessa análise, que por sua vez, será feita através análise comparativa da obra literária e da obra fílmica.

Numa breve reflexão acerca da narrativa de Saramago e do filme de Meirelles, que serão melhor explorados no decorrer do presente estudo, depreende-se que, a partir de um surto de cegueira generalizado, que afeta em primeira instância uma cidade não mencionada na obra, houve o desencadeamento de fatos desconhecidos para a realidade das pessoas afetadas pela misteriosa “cegueira branca”. Os habitantes eram contaminados de forma inexplicável. Esse fator fez com que as autoridades sanitárias enquadrassem a doença como um surto contagioso, isolando os pacientes afetados em um manicômio desativado, abandonando-os à própria sorte, uma vez que aquele ambiente não oferecia condições mínimas de sobrevivência.

Diante disso, os infectados ficaram isolados e não podiam ter nenhum contato com o mundo

externo para que não contaminassem outras pessoas, e deviam se organizar sem nenhuma assistência, com um contingente cada vez maior, à medida que a epidemia se alastrava e num espaço cada vez menos habitável. As dificuldades foram agravadas, fazendo com que os instintos mais primitivos dessas pessoas fossem aflorados, e como consequência disso, todos os tabus, padrões e paradigmas comportamentais foram desfeitos, acentuando ainda mais a pressão psicológica sobre os indivíduos.

No entanto, somente a **mulher do médico** não é acometida por esta cegueira, e é ela que carrega a missão de, sem deixar transparecer sua “falta de deficiência”, ajudar e guiar as pessoas naquela difícil condição. É sua visão que narra toda a humilhante condição humana diante da necessidade de lutar pela sobrevivência, quando o que transparece é a essência do indivíduo, a partir dos seus instintos.

Em relação à obra literária temos a concepção de Samuel (1985), quando ele diz que na literatura um fenômeno é sempre estático (manifestado) e dinâmico (manifestando). Para compreensão do literário se tem muito estudo para penetração na sua natureza, é como entrar numa floresta, quanto mais você avança, mais descoberta terá. Dessa forma, podemos classificar texto literário como: Texto-objeto e texto-obra. Texto-objeto, como a própria palavra diz: ser objetivo, claro, preciso, já o texto-obra há uma produção, manifestação de ideias ambíguas com suas plurissignificações as quais deixam o leitor viajar em suas interpretações.

No que se refere à obra cinematográfica, Eisenstein (2002) salienta que os elementos estáticos, todos em justaposição emergem dinamicamente, no qual as reflexões sobre a montagem e os princípios de montagem se tornaram amplamente correntes em todas as artes próximas da literatura, no teatro, no cinema, na montagem fotográfica e assim por diante.

Contudo, este trabalho contemplará a representação feminina nas duas obras, literária e fílmica, de modo a esclarecer para o leitor, as diferenças nas adaptações da literatura para o cinema ou a televisão, fazendo uma reflexão mais aprofundada nas questões sociais específicas trabalhadas em ambas as obras, numa análise comparativa entre Literatura e Cinema.

2A Mulher do Médico

Com a criação de uma personagem feminina como protagonista, e com características fortes, José Saramago proporciona ao leitor uma extensa gama de possibilidades para analisar a representação feminina em sua obra, tão contemporânea. Fernando Meirelles foi muito feliz, ao escolher duas atrizes tão talentosas, como a norte-americana Juliane Moore, que viveu a **Mulher do Médico**, e a brasileira Alice Braga, que viveu a Mulher (Rapariga) dos Óculos Escuros.

Se reportarmos aos contos bíblicos, podemos lembrar a personagem Lilith, a primeira mulher criada por Deus para ser a esposa de Adão. Segundo a bíblia, Lilith rebelou-se, recusando-se a *ficar sempre em baixo durante as suas relações sexuais*. Na modernidade, isso levou à popularização da noção de que Lilith foi a primeira mulher a rebelar-se contra o sistema patriarcal. Assim, tanto Saramago, quanto Meirelles, retratam muito bem essa condição da mulher, no momento em que não deixa que elas permaneçam no papel de subserviência.

Pensando na mulher na sociedade brasileira, Freitas (2004), concorda que este é um tema que desperta cada vez mais o interesse de estudiosos e estudiosas das diversas áreas das Ciências Humanas. Este crescente interesse possibilita uma ampliação das discussões sobre o ser feminino. Diante disso, o próprio Freitas afirma que:

Efetivamente a partir do ativismo da década de sessenta nos Estados Unidos a tomada de consciência feminista que desencadeou em todo mundo um questionamento acerca da prática acadêmica patriarcal, possibilitando uma nova postura que não se resignou simplesmente com a denúncia da submissão vivenciada pela mulher e passa a pôr em prática, um sujeito feminino mais efetivo (FREITAS, 2004, p.36).

O feminismo trouxe mudanças inquestionáveis para a sociedade e também para o mercado de trabalho, o comportamento sexual e, obviamente, as relações pessoais. Não se tem notícia de mudanças de costumes tão poderosas e efetivas na história ocidental. Pelo menos nos países

desenvolvidos, as conquistas femininas foram reconhecidas tanto na esfera privada, quanto na pública. Do direito ao voto à legitimação do divórcio, da entrada maciça nas universidades ao reconhecimento da competência no trabalho, os progressos foram e são inegáveis.

As reflexões contemporâneas sobre a condição da mulher na sociedade giram em torno da convivência doméstica, a tríade: carreira – maternidade – matrimônio, e do fenômeno moderno da harmonização entre a vaidade e a competência profissional. E segundo Sonia Coutinho, “esta questão é intrínseca a determinados valores remanescentes da sociedade patriarcal, ainda responsáveis pela permanência de mecanismo de uma ordem social que procura manter a mulher em posição secundária” (COUTINHO, 1988, p.14).

Naturalmente, ela se refere aos muitos anos de opressão sofridos pelas mulheres de várias épocas, que, sem direito ao protesto, tiveram que se submeterem caladas ao poder masculino. Aquelas que transgrediam as normas eram severa, e exemplarmente, punidas. Desse modo, Saramago tentou mostrar no seu **Ensaio sobre a Cegueira**, e Meirelles reproduziu tão bem para as telonas, essa situação tão delicada.

Voltando a discutir sobre a **Mulher do Médico**, que no filme de Meirelles é vivida por Juliane Moore, é notório o peso absurdo que a cegueira coletiva designava-lhe, levando-a a abdicar do papel de dona-de-casa exemplar para um papel político, existencial e espiritual. Presenciando a redução do homem à barbárie, cuja lei é a do mais forte, governada pelo instinto da sobrevivência, ela renuncia às suas inclinações individuais, superando-se e colocando os interesses do grupo acima dos seus, como uma verdadeira líder. Cabia a ela guiar os cegos, era a “liberdade guiando o povo” (SARAMAGO, 2005. p.225).

Uma característica singular de Saramago é o fato de que o autor marca, ironicamente, a personagem principal pela descrição de uma relação de parentesco, denunciando total desvalorização de sua identidade “porque em Saramago, os nomes costumam não revelar a essência das coisas” (WANDELLI, 2004).

“A **Mulher do Médico** é a única a não sucumbir a cegueira preservando a capacidade da visão no seu sentido total, levando o efeito à dicotomia olhar e ver, pois se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. (SARAMAGO, 2005. p.10). O caos faz com que nasça dentro dela, uma incomum força interior, tornando-a porta-voz da oposição contra as adversidades e opressões, tanto na clausura das camaradas do manicômio, quanto o mundo exterior. Isso pode ser comprovado muito bem na leitura que Fernando Meirelles fez da obra saramaguiana.

Nesse sentido, a personagem feminina, afirma-se como líder, justamente após matar o cego, chefe dos tiranos que interceptavam e apoderavam-se dos alimentos enviados pelo governo, para impor às mulheres dos demais camaradas seus desejos sexuais e os de seus comparsas, em troca da comida. Após haver cometido o assassinato, emocionalmente abalada, ela questiona se o terror não a desumanizara. Nesse momento, seus companheiros instituem uma nova e própria perspectiva humanista, isentando-a de qualquer culpa, glorificando seu gesto a remissão da justiça dos humilhados. Como é possível verificar no seguinte fragmento do livro:

Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser humanidade, o resultado está à vista, qual de nós se considerará ainda tão humano como antes, como eu, por exemplo, que matei um homem, espantou-se o primeiro cego. Sim, o que mandava do outro lado, espetei-lhe uma tesoura na garganta. Mataste para vingar-nos, para vingar as mulheres tinha que ser uma mulher, disse a **Rapariga dos Óculos Escuros**, e a vingança, sendo justa, é coisa humana, se a vítima não tiver um direito sobre o carrasco, então não haverá justiça. Nem humanidade, acrescentou a mulher do primeiro cego. (SARAMAGO, 2005. p.188).

Legitimando o seu posto de líder da resistência por suas companheiras, a **Mulher do Médico** segue com os seus, a sua trajetória, recusando-se a desistir de viver. Reclusa ao “ambiente doméstico”, a questões básicas de sobrevivência, preparação da comida, anseio, à higiene e ao atendimento médico, a **Mulher do Médico** agora vivencia experiência no universo exterior do manicômio, saindo às ruas para a “caça”, para literalmente lutar pelo alimento, pela possibilidade de uma moradia melhor e, deste modo, garantir as condições básicas de sua sobrevivência e de seus

dependentes cegos:

[...] A atmosfera estava carregada de maus cheiros, tornando absurda a branquidão invariável dos objetos. Descansem aqui, disse a **Mulher do Médico**, eu vou à procura de comida, não sei onde a encontrarei, perto, longe, não sei, esperem com paciência, há grupos lá fora, se alguém quiser entrar digam que o sitio está ocupado, será o bastante para que se vão embora, é o costume [...] (SARAMAGO, 2005. p.217).

Em **Ensaio sobre a Cegueira**, são as mulheres que detêm o dom de compreender e decifrar os mistérios indecifráveis da vida e da morte, como a iletrada **Rapariga dos Óculos Escuros**, transformada numa “filosofia da vida”: “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”. (SARAMAGO, 2004. p.262). Incide sempre às personagens, a **Mulher do Médico**, a mulher do primeiro cego e a **Rapariga dos Óculos Escuros** a beleza da revelação “dessa coisa que não tem nome”, essa alma, esse espírito, esse algo verdadeiro que remete à mulher.

A luta pela subsistência é a essencial e iminente preocupação e é também tarefa a qual se destina à **Mulher do Médico**. Um caminho pavimentado pelo sofrimento. O que era cidade transformara-se em um imenso depósito de todo o tipo de lixo, emanado todos os cheiros de podridão ocasionados pela cegueira:

O sol tinha rompido, brilhava nas poças de água formadas entre o lixo, via-se melhor a erva que crescia entre as pedras da calçada. Havia mais gente fora. Como se orientação eles, perguntou-se a **Mulher do Médico**. Não se orientavam, caminhavam rente aos prédios com os braços estendidos para frente, continuamente esbarravam uns nos outros como formigas que vão no carreiro, mas quando tal sucedia não se ouviam protestos, nem precisavam falar, uma das famílias despegava-se da parede, avançava ao comprido da que vinha em direção contrária, e assim seguiam e continuavam até ao próximo encontro.[...] (SARAMAGO, 2005. p.218).

Da mesma maneira, a **Mulher do Médico** é a única que pode ver as belas e horrorosas imagens descritas pelo autor, seja o lindo banho de chuva das mulheres na varanda ou os cachorros que devoram o cadáver de um homem na rua. Ela não sabe se é abençoada ou amaldiçoada por poder enxergar em uma terra de cegos:

[...] O lixo nas ruas, que parece ter-se duplicado desde ontem, os excrementos humanas, meio liquefeitos pela chuva violenta os de antes, pastosos ou diarréicos os que estão a ser eliminados agora mesmo por estes homens e estas mulheres enquanto vamos passando, saturam de fedor a atmosfera, como uma névoa densa através da qual só com grande esforço é possível avançar.[...]. A **Mulher do Médico** desviou os olhos, mas era tarde de mais, o vômito subiu-lhe irresistível das entranhas, duas vezes, três vezes, como se o seu próprio corpo, ainda vivo, estivesse a ser sacudido por outros cães, a matilha da desesperança absoluta, aqui cheguei, quero morrer aqui. (SARAMAGO, 2005. p. 251).

Existe no **Ensaio sobre a Cegueira**, de Saramago uma diferença sutil entre as atitudes de *olhar* e de *ver*. O *olhar* no sentido de percepção visual, uma consequência física do sentido humano da visão. O *ver* como uma possibilidade de observação atenciosa, de exame daquilo que nos aparece à vista. Provavelmente é nesse sentido que o autor traz como epígrafe do livro a frase: *Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara. O reparar, portanto, não é nada mais do que se libertar da superficialidade da visão para aprofundar o interior do que é o homem e, finalmente, conhecê-lo*. E nesse quesito sua narrativa é impar, pois a mesma trás uma mulher capaz de enxergar além da visão física.

Vigorou durante muito tempo a atribuição do direito ao masculino para definir o feminino como o seu avesso. Mas Rosiska Darcy de Oliveira afirma que a emergência do feminino enquanto paradigma cultural vem se fazendo sem nem mesmo ter sido citado o seu nome. A emergência do feminino significa, para esta autora:

(...) procura de um entendimento do mundo que não se contente com a utilização exclusiva da razão por não concebê-la como todo-poderosa. Na recusa de aceitar o corpo como instrumento submisso da produção e na tentativa de reconquista de suas dimensões eróticas. No balbuciar de uma linguagem, às vezes ininteligível, feita mais de silêncios e de escuta que de expressão codificada, o Feminino emerge como esforço de alteridade, de reconhecimento de lugares outros onde o humano possa contemplar sua experiência,

imaginar-se diferente, conceber-se novo, mesmo se o novo busca sua seiva no que parecia passado (...). Na concreção da vida, feminizá-la significa rever o lugar do trabalho na existência cotidiana de homens e mulheres, redefinir o político, interrogar a ciência e a arte pelo viés da desconstrução de conceitos e da invenção da linguagem. Essa feminizarão vem se dando, ainda que não se a chame como tal ou que nela não se tenha identificado a marca do Feminino (OLIVEIRA, 1993. p. 16).

Diante disto o movimento caracterizado como “**Feminino Emergente**” é também a possibilidade do encontro das mulheres consigo mesmas e de que, sem desigualdade, os homens e as mulheres possam se reconciliar, viver em pé de igualdade. Se o gênero feminino ocupar o seu lugar, terá uma grande projeção na sociedade.

Em “**Elogio da diferença**”, diz-se que o movimento feminista ficou conhecido como “a expressão coletiva desse questionamento de normas-valores e modos de organização” (OLIVEIRA, 1993. p. 48). Fala-se de emergência, fala-se de um movimento que, de alguma forma, se mostra o feminino.

Sou tanto como a outras, faço o que elas fizeram, só fazes o que eu mandar, interrompeu o marido, Deixa-te de autoridade, aqui não te servem de nada, estás tão cego como eu, É uma indolência, Está na tua mão não seres indecentes a partir de agora não comas, foi esta a cruel resposta em pessoa que até hoje se mostrara dócil e respeitado do seu marido. (SARAMAGO, 2005. p.168).

Estreitando os laços de ficção para a realidade, **Ensaio sobre a Cegueira** é interpretado como uma grande metáfora dos infortúnios de uma sociedade, cuja essencial maneira de interação e percepção com o mundo, e conseqüentemente com o semelhante foi interrompido.

Valendo-nos das palavras de Raquel Wanderlli:

As três formam uma trindade, uma espécie de Santíssima Trindade a **Mulher do Médico** representa a mãe da humanidade, capaz de ser mãe sem partir e a **Rapariga dos Óculos Escuros**, a prostituta. Madalena às avessas, que salva as demais com seu pecado e as poupa do seu arrependimento. (WANDELLI, 2004).

Iluminadas e guiadas pelo farol de consciência que é a **Mulher do Médico**, a trindade de mulher ergue-se acima de toda trajetória narrativa encorajadas pela ligação:

Tirem à roupa que têm vestidas, quanto menos tivermos de secar depois, melhor. Mas nós não vemos, repetia a mulher do primeiro cego, Tanto faz, disse a **Rapariga dos Óculos Escuros**. Faremos o que podermos, E eu acabarei depois, disse a **Mulher do Médico**, limparei o que ainda tiver ficado sujo, e agora ao trabalho, vamos, somos a única mulher com dois olhos e seis mãos que há no mundo. (SARAMAGO, 2005. p.266).

Descendo o mais baixo grau de dignidade, os personagens masculinos são obrigados a testemunhar pacificamente o estupro de suas esposas em troca de obtenção de comida para sua própria subsistência e a do grupo. Transformadas em provedoras do “lar”, elas incitam os homens a reverem seus conceitos de honra e vergonha calcados nos matizes do “macho”:

O primeiro cego começara por declarar que mulher sua não se sujeitaria à vergonha de entregar o corpo a desconhecidos em troca do que fosse, que nem ela o queria nem ele o permitiria, que a dignidade não preço, que uma pessoa começa por ceder nas pequenas coisas e acaba por perder todo o sentido da vida. O médico perguntou-lhe então que sentido da vida via ele na situação em que todos ali se encontravam, famintos cobertos de porcas até às orelhas, roídos de piolhos, comidos de percevejos espicaçados de pulgas, Também eu não queria que a minha mulher lá fosse, mas esse meu querer não serve de nada, ela disse que estar disposta a ir, foi a sua decisão, sei que o meu orgulho de homem, isto a que chamamos orgulho de homem, se é que depois de tanta humilhação ainda conservamos algo que mereça tal nome, (SARAMAGO, 2005. p.167).

Ao analisar a trajetória percorrida pela **Mulher do Médico** na narrativa, constata-se que a grande parcela de solidariedade desprendida por ela em relação aos demais cegos, tanto nos momentos passados dentro do manicômio como no retorno à cidade:

[...] Por favor, aconteça o que acontecer, mesmo que alguém queira entrar não deixem este sítio, e se forem postos fora, apesar de que não creio que tal aconteça, mas é só para prevenir todas as hipóteses, deixem-se ficar perto da porta, juntos, até que eu chegue. “Com

os olhos rasos de lagrimas, ali estavam, dependendo dela como as crianças pequenas dependem da mãe” [...]. (SARAMAGO, 2005. p.218).

Apesar de tantas lutas e sacrifícios, a **Mulher do Médico**, como se percebe, conserva o seu lado maternal e sensível para como os outros cegos diante de toda uma sociedade que se encontra em um verdadeiro caos social e humano.

3A Rapariga/Mulher dos Óculos Escuros

Focamos agora a nossa atenção para outra personagem feminina presente nessa obra saramaguiana a **Rapariga dos Óculos Escuros**. Por meio dessa, Saramago coloca em discussão a prostituição tecendo um olhar crítico sobre como enxergamos o papel dessas profissionais do sexo na sociedade atual: “O medo cega, disse a **Rapariga dos Óculos Escuros**, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (SARAMAGO, 2005. p.190).

No filme de Fernando Meirelles, a **Rapariga dos Óculos Escuros** é denominada a **Mulher dos Óculos Escuros**, uma mudança lexical, de **rapariga** para **mulher**, somente para atender ao grande público, que se esperava alcançar, com o possível sucesso de **Ensaio sobre a Cegueira**, nas telonas. A **Rapariga dos Óculos Escuros** foi vivida pela brasileira Alice Braga, que representou muito bem a responsabilidade que lhe foi dada, recebendo vários elogios da crítica cinematográfica.

No momento em que Saramago começar a descrever a **Rapariga dos Óculos Escuros**, o autor nos mostra, justamente, as contradições sociais que, de um lado a sociedade que se julga livre de quaisquer preconceitos, mas que, na verdade, esconde-se sob formas de máscaras, tão bem explicadas no fragmento do livro abaixo:

Sem dúvida, esta mulher vai para a cama a troco de dinheiro, o que permitiria, provavelmente, sem mais considerações, classificá-la como prostituta de facto, mas, sendo certo que só vai quando quer e com quem quer, não é de desdenhar a probabilidade de que tal diferença de direito deva determinar cautelarmente a sua exclusão do grêmio, entendido como um todo. Ela tem, como a gente normal, uma profissão, e, também como a gente normal, aproveita as horas que lhe ficam para dar algumas alegrias ao corpo e suficientes satisfações às necessidades, as particulares e as gerais. (SARAMAGO, 2005. p.31).

O episódio da cegueira da **Rapariga dos Óculos Escuros** irá nos mostrar outro ângulo de como ainda são vistas e discriminadas as mulheres, sobretudo as prostitutas. A bela **Rapariga dos Óculos Escuros** era uma prostituta e tinha um encontro marcado num hotel aquela noite. Depois do explosivo encontro amoroso, ainda via tudo branco, mas não era por causa do êxtase que sentia, ela também cegara. Nua e aos gritos, a rapariga foi vestida às pressas e colocada para fora do hotel. Um policial extremamente grosseiro levou-a para a casa dos pais num táxi e ainda é extremamente preconceituoso por ser esta uma prostituta:

O polícia em tom que seria sarcástico se não fosse simplesmente grosseiro, quis saber, depois de lhe ter perguntado onde morava, se ela dispunha de dinheiro para o táxi, Nestes casos o Estado não paga, avisou, procedimento a que, anote-se à margem, não se poderá negar uma certa lógica, porquanto estas pessoas pertencem ao número das que não pagam impostos sobre os seus imorais renditos. Ela acenou afirmativamente, mas, estando cega, imagine-se, pensou que o polícia não ter visto o gesto e murmurou, Sim, tenho, e, de si para si, acrescentou, Antes não o tivesse, palavras que nos hão-de parecer fora de propósito, mas que, se atentarmos nas circunvoluções do espírito humano, onde não existem caminhos curtos e rectos, acabam, essas palavras, por tornar-se absolutamente límpidas, o que ela queria dizer era que tinha sido castigada por causa do seu mau porte, da sua imoralidade, ora ai está. (SARAMAGO, 2005. p. 36).

Percebemos na citação acima, a divisão dos mundos em “mundo das prostitutas” e o das “mulheres da sociedade”, o público e o privado regulam as trocas subjetivas dos grupos sociais; quem pertence a um não pode circular impunemente pelo outro, sob pena de ser apontado como desviante. Esses mundos são excludentes, a cisão sustenta a ordem social, a destruição de um

implicaria na falência do outro (GOMES, 1994). E a necessidade de controle dos corpos passa também pela necessidade de controle do espaço físico, subjetivo e institucional.

A esse respeito Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir* (1987), apresenta-nos um estudo sobre a legislação penal e os métodos adotados pelos poderes públicos para punir os que praticam alguma modalidade de crime e, no capítulo condenação de um corpo, ele nos mostra como estamos sempre aprisionados em convenções pela sociedade sociais e morais é como se ele – o corpo- não pertencesse a seu próprio dono, mas sim toda uma sociedade que o controla destacamos o seguinte:

Em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa “economia política” do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos “suaves” de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata- do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de sua repartição e de sua submissão. (FOUCAULT, 1987. p.25).

As regras e a valorização moral e de condutas, próprias de nosso tempo, compactuam com o contexto político, econômico e social também no que se refere à sexualidade. Cada cultura lida de um modo específico de como é representada a sexualidade segundo suas possibilidades internas e a capacidade de articulação das forças de seu grupo social (BOLTANSKI, 1989).

Sair com vários homens, não escolher o parceiro, cobrar pelos serviços, expor a perda da virgindade, circular em um mundo, ainda hoje, masculino, parece pôr as prostitutas em desvantagem em relação às mulheres ditas “de família”, para as quais os códigos de conduta moral são rígidos, marcados pela submissão e pela subserviência a um companheiro.

O fato de o homem ser considerado o “chefe da casa”, ser mais “ativo” do que a mulher era visto como um indício de masculinidade, a elas coube o papel automaticamente de passiva, donas de casa, e no caso específico das prostitutas eram atribuídas o rótulo de promiscua, a destruidora de lares.

Assim, as prostitutas, quer sejam identificadas como mulheres que o sofrimento e a violência levam ao “mau caminho”, quer sejam consideradas pecadoras, levianas e dissimuladas, continuarão em desvantagem em relação aos demais. Se as razões para a prostituição derivam de um pecado social ou individual (RAGO, 1991) não importa, pois, quem pertence a este universo manter-se-á “fora” do “bom caminho”, à margem do meio-social (CASTRO, 1993).

“Dentro de nós há uma coisa que tem nome, essa coisa é o que somos”, diz aos companheiros cegos a **rapariga de óculos escuros**. Essa coisa que bem pode ser a nossa condição, a nossa humana condição, pode também ser horrível. O horror pode não vir apenas do Deus que nos fez perder e nos moldou ou perseguiu, através da sua Igreja, ou do sistema gélido que nos integra, registra e desindividualiza, mas pode estar igualmente dentro de nós, ou ser a confluência das duas trajetórias.

Em todas as áreas que fazem parte do cotidiano notava-se sempre uma discriminação do papel da mulher: na comunicação, artes, literatura, publicidade, no trabalho e no próprio dia a dia. No campo do trabalho, muitos eram ainda os cargos destinados somente às mulheres, enquanto que o homem podia gozar de uma diversidade de funções laborais. A idéia de “trabalho de mulher” e “trabalho de homem” foi-se desmistificando aos poucos, mas ainda hoje é possível encontrar-se essa distinção.

Em **Ensaio sobre a Cegueira**, Saramago coloca todas as mulheres da sua narrativa em pé de igualdade com os homens e, também, com àquelas ditas puras honestas e a impura desnudando todos e quaisquer tipos de preconceito: “As mulheres ressuscitam uma das outras, as honradas ressuscitavam nas putas, as putas ressuscitavam nas honradas, disse a **Rapariga dos Óculos Escuros**”. (SARAMAGO, 2005. p.199). Noutro fragmento, é possível perceber agora as mulheres estão no mesmo patamar de igualdade, ou seja, estão do mesmo lado lutando para sobreviverem:

[...] Pela **Mulher do Médico**, para ser preciso e exacto, porque, quando às restantes, exceptuando a **Rapariga dos Óculos Escuros**, solteiras e livre, de cuja vida dissipada já temos mais do que suficiente informações, se elas tinham maridos, não se encontravam ali. O silêncio que se seguiu à frase interrompida pareceu ficar à espera do que alguém aclarasse definitivamente a situação, por isso não tardou muito que falasse quem tinha de

falar, foi ela a mulher do primeiro cego, que disse sem a voz lhe tremesse, Sou tanto como as outras, faço o que elas fizerem, Só fazes o que eu mandar, interrompeu o marido, Deixa-te de autoridades, aqui não te servem de nada, estás tão cego como eu, É uma indecência, Está na tua mão não seres indecente, a partir de agora não comas, foi esta a cruel resposta, inesperada em pessoa que até hoje se mostrara dócil e respeitadora do seu marido. (SARAMAGO, 2005. p. 168).

Mesmo com toda a liberação sexual, o desejo feminino continua preso aos ideais do amor. Para a geração do sexo livre é clara a divisão entre as formas dignas de lidar com o corpo e a sexualidade e as outras possibilidades “não tão dignas”. No terreno do discurso esta divisão é considerada como ultrapassada.

A docilidade dos corpos e a resignação dos discursos não cabem diante da revolução individual de cada sujeito, neste universo em que as profissionais do sexo garantem seu espaço no “mundo de fora” da sociedade, mas que como vimos também a condena. Proibida pela sociedade de ter sentimentos a **Rapariga dos Óculos Escuros** quebra esse estigma:

Não sei como estarão os meus pais, disse, esta sinceramente preocupação mostra como são afinal infundados os preconceitos dos que negam a possibilidade da existência de sentimentos fortes, incluindo o sentimento filial, nos casos, irregulares, mormente no plano da moralidade pública. (SARAMAGO, 2005. p.213).

A partir desse fragmento, nota-se que ainda há uma visão extremamente errônea de grande parte dessa sociedade detentora da “moral e dos bons costumes”, tem com relação às prostitutas, julgando-as isentas de sentimentos fortes, incluindo os de filial pelos pais e sentimentos de respeito com a família.

4 Conclusão

Sendo assim, pode-se dizer que as mulheres têm ganhado territórios em muitas áreas, mas ainda não o suficiente para que se possa afirmar que existe uma igualdade entre sexos. Aliás, o correto seria não haver uma distinção de sexos, mas sim afirmar-se, de uma vez, a ideia de que existe um único ser, quer seja homem ou mulher, com os mesmos deveres e direitos.

Atualmente, embora tenha havido mudanças significativas nas relações de gênero e poder, ainda temos que negociar habilmente os espaços da academia para pensar de forma sistemática o universo feminino e suas demandas em constante mutação. Vivemos uma profunda quebra de paradigmas e valores, transparecendo a ideia de que o movimento de mulheres busca respostas a essas necessidades emergentes.

Entretanto, é preciso explicitar que estar à margem significa ser parte de um todo, ao mesmo tempo em que se é, também, fração de um corpo social maior pelo lugar que se ocupa, porque os espaços são superpostos. Assim, os marginalizados têm um olhar e uma percepção diferente; ou seja, eles têm a ótica de um estranho do corpo sócio cultural as que estão presos por questões de classe ou etnia.

Quando Saramago nos apresenta uma única mulher que escapa à epidemia da cegueira, nos mostra que a mulher tem o poder e responsabilidade de indicar o norte para a humanidade infortunada, na qual a cegueira é o único abrigo face à realidade crua em que a insensibilidade ordena. Do mesmo modo, Meirelles, em sua adaptação, nos presenteia com uma cenas que descrevem a essência que Saramago proporcionou ao leitor, em seu livro.

Contudo, enquanto a sociedade chamar as prostitutas de “mulheres da vida”, “rameiras”, de destruidoras da moral e dos bons costumes, incorrerá no grave risco de afirmações, de que todas as prostitutas negociam seu corpo por dinheiro e por prazer, ou que só servem para desrespeitar a “sagrada família”, esquecendo-se de que essas mulheres são igualmente humanas e merecedoras de respeito e valor.

Referências Bibliográficas

- 1] AMADO, Teresa. *Matéria da Bretanha em Portugal*. Lisboa: Ed. Colibri, 2002.
- 2] CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- 3] CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar*. Revista Brasileira de Literatura Comparada. Niterói. Nº 01. 1991.
- 4] CARVALHO, Sílvia Barbosa de. *As virtudes do pecado: narrativas de mulheres a “fazer a vida no centro da Cidade”*. [Mestrado] Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.
- 5] COSTA, Costa: *Introdução a sociologia*. São Paulo. Ed Nova fronteira 2006.
- 6] COUTINHO, Sonia. *Os seios de Pandora*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- 7] D'AVILA NETO, Maria Inácia. *O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiané, 1980.
- 8] DE OLIVEIRA, Rosiska Darcy. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: brasiliense, 1993.
- 9] DUARTE, Constância Lima. *Literatura feminina e crítica literária*. In: GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida (org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.
- 10] EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- 11] FISCHER, Ernst. *A função da arte – A necessidade da arte*. 09 Ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- 12] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Editora Graal: 2001.
- 13] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- 14] FREITAS, Edivaldo Rocha de. *O feminino no romance Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago*. CES/JF- Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2001.
- 15] GOMES, Janaína Nazzari. *Reflexões sobre o desejo e a ideologia na misoginia medieval*.
- 16] *José Saramago*: disponível em: www.geocities.com/ailbr/ouniversointertextualemensaios.
- 17] KONINGER, Bete. *Atenção este livro leva uma pessoa dentro: entrevista com José Saramago*. Disponível em: <http://www.is-kocln.de/matices/16/16ksaram.htm>. Acesso em: 21 de março 2004.
- 18] MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro. (org.). *Literatura/ Política/ Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- 19] MEIRELLES, Fernando. *Cidade de Deus*. Imagem Filmes. 2002.
- 20] MEIRELLES, Fernando. *Ensaio sobre a Cegueira*. O2 Filmes / Rhombus Media / Bee Vine Pictures. 20th Century Fox Brasil / Miramax Films. 2008.
- 21] MEIRELLES, Fernando. *O Jardineiro Fiel*. Universal Pictures do Brasil. 2005.
- 22] NESTROVSKY, Arthur (orelha). In: SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 28 ed. São Paulo: Schwarcz, 2004.
- 23] Revista do corpo discente do Programa de Pós- Graduação em História da UFRG: FEDOS, 1995.
- 24] SAMUEL, Roger. *Natureza do fenômeno literário*. Petrópolis. Vozes. 1985.
- 25] SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia de Letrinhas, 1995.
- 26] SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. 28 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- 27] SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *De Cegos e Visionários: uma alegoria finissecular na obra de Saramago. Cânones e Contextos*, Congresso Abralic, Anais v.3. Rio de Janeiro, LFRJ, 1998.
- 28] SILVÉRIO, Carla Alexandra S. *As imagens do corpo e as representações da sociedade medieval n'A Demanda do Santo Graal*. In: NEVES, Leonor; MADUREIRA, Margarida;
- 29] TEIXEIRA, Cristina Maria Borges. *O universo intertextual em Ensaio sobre a Cegueira de*

José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

- 30] WANDELLI, Raquel. *A Cegueira dos gêneros*: Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~wandelli/literatura/cegueira.html>. Acesso em: 21 março 2004.
- 31] XAVIER, Elódia. *Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina*. In: XAVIER, Elódia. (org.). *Tudo no feminino: a procura da mulher na narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

ⁱAluno do Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – campus II – Alagoinhas. E-mail: lriteixiraposcritica@gmail.com.